1.º ANNO N.º 22

# A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da Rainha, 126

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 10 DE FEVEREIRO DE 1901

## Associação Artistica

Passavamos ha dias em frente ao magestoso edificio romanico da Associação Artistica Vimaranense, uma das maiores, senão a maior de todas as instituições de caridade, e qual não foi o nosso contentamento ao vêrmos junto d'uma banda de musica um grande grupo de artistas (operarios e patrões) que se dispunham em fórma para assistir a uma missa, na vasta egreja de S. Francisco, em suffragio das almas dos socios fallecidos, commemorando d'este modo o XXIX anniversario da fundação d'aquella sympathica instituição vimaranense!

Não conhecemos nada mais util—a protecção dispensada áquelles que vão gastando a vida em proveito da sociedade.

Proteja-se o operariado, muito principalmente quando a infelicidade o vence! Ponderemos, com De Bonald, que se a mendiguez é desgraça, a esmola é dever.

Lacordaire diz, e muito bem, que repartir com os pobres os bens da vida é o maximo testemunho do amor. Quem não reparte não ama.

Proteja-se a Associação Artistica de Guimarães, a terra mais industrial do paiz. Não se dê aos estranhos o tristissimo espectaculo de deixar morrer a instituição que mais e maiores serviços póde prestar á humanidade quando bem dirigida a sua administração. A esmola fica magistralmente definida com as seguintes ponderações de Bernardin de Saint-Pierre: «Se eu tivesse abundantes recursos, que prazeres não ganharia! Paris seria para mim uma outra Memphis... Eu alugaria um sotão ahi num d'esses bairros da barreira; outra casa na extrema opposta, á ourela do Sena, ensombrada de salgueiros e choupos; outra em uma das ruas mais concorridas; quarta casa á beira de um hortelão, cercada de damasqueiros, figueiras, couves e alfaces, outra finalmente nos arredores de parceria com um vinhateiro.

E' de certo facil empresa achar em toda a parte casas d'este lote por baixo aluguer, mas é difficil topar hospedeiros ou visinhos honrados. Ha muitissima corrupção na plebe; mas ainda ha muitos modos de por lá desencantar gente boa: ora é n'esta gente que eu vou explorar os meus contentamentos. Novo Diogenes, aqui me vou á cata de homens. Dispenso lanterna, visto que procuro desgraçados. Levanto-me ao apontar do dia; vou á primeira missa a qualquer egreja ainda meio escura, e encontro lá operarios que pedem a Deus a benção da sua obra quotidiana. Piedade sem respeitos humanos é prova de honradez; amor ao trabalho é outra prova. Vejo, em tempo chuvoso e frio, uma familia toda curvada sobre a terra a escárdear hervas de uma horta: são pessoas honestas. A propria noite não obs-

curece virtudes. A deshoras, a claridade de uma candeia me denuncia alguma viuva pobre que prolonga as vigilias para alimentar com seu trabalho os filhinhos que alli lhe dormem á beira. Estes serão os meus visinhos. Apresento-me como um viandante, e peço agasalho por momentos. Peço-lhes que me aluguem um quarto em sua casa, ou m'o arrangem na visinhança. Offereço bom estipendio, e sou recebido.

Evito esmolar-lhes dinheiro para que me estimem : tenho mais honestos meios de lhes captar a amizade. Dou-lhes cargo de me comprarem provisões superfluas, que elles aproveitam; remunero as crianças por alguns serviços que me façam; em dia de festa levo toda a familia ao campo a jantar sobre o relvêdo; pae e mãe recolhem á noite bem jantados e carregados do merendeiro que sobejou, e lhes abasta ao remanescente da semana. Ao apontar do inverno, compro fazendas de lã para os rapazes, que me abençoam no seu aconchêgo, visto que os não humilhei com as mesmas esmolas. E' o padrinho do seu irmão mais novo que lhes deu os fatinhos. Quanto menos se apertam mais se estreitam os vinculos da gratidão».

Auxiliem, pois, com donativos os homens de boa vontade que ora se esforçam por insuflar mais vida á Associação Artistica Vimaranense, e as bençãos do céo virão, como recompensa, sobre esses benemeritos da humanidade e da patria.

## THOMAZ RIBEIRO

Victimado por uma lesão cardiaca, falleceu ás 5 horas e meia da manhã do dia 6, na sua casa da rua de Santo Antonio dos Capuchos, em Lisboa, o notavel poeta snr. conselheiro Thomaz Ribeiro, natural de Parada de Gonta (Vizeu).

Como deputado, par do reino, ministro, diplomata, orador, poeta e escriptor, foi um dos homens que mais soube honrar o parlamento, o fôro e as lettras patrias que a sua grande perda enlutou !

No nosso mercado litterario obtiveram grande exito todos os seus trabalhos, que são muitos e variados, como : «Festa e caridade»; «Sons que passam»; «O Guerreiro de Fez»; «Jornadas»; «Historia da legislação liberal»; «D. Miguel sem realeza e o emprestimo Antrekan Jeanget»; «D. Jaime» «Delfina do Mal», etc., etc.

Carecemos de espaço para uma noticia mais desenvolvida; por isso terminamos esta breve referencia citando, para exalçar as suas virtudes, a recommendação que deixou no testamento para que o seu cadaver fosse levado por quatro pobres ao cemiterio envolto em simples mortalha, sem annuncios, sem convite, sem a menor pompa de funeral, sem as honras officiaes, sem outro cuidado que não seja o que se dispensa ao mais pobre dos pobres !

A sua ultima vontade foi rigorosamente satisfeita n'esta parte. Lá baixou no dia 7 ao coval raso, mas os seus restos não podem dispensar a mais affectuosa e duradoura homenagem em mausoleu que aponte aos vindouros a admiração de que mesmo em vida foi alvo.

«A Memoria» lamenta a perda de Thomaz Ribeiro que foi um dos maiores vultos da epocha e que ha um anno ainda patenteou a sua sympathia a esta terra, produzindo uma bella poesia em homenagem a Martins Sarmento.

## CREANÇAS

*(Para uma festa de caridade)*

AO JERONYMO SAMPAIO.

Somos todos irmãos que a mesma terra amiga
Do mesmo pó gerou a humanidade e abriga
No seio, após a morte, os tristes proletarios
Que vergam ao trabalho e soffrimentos varios,
Como abriga os heroes, os feros assassinos
Que matam seus irmãos e veem no meio de hymnos
Receber a ovação da turba insipiente,
Como abriga a nobreza altiva, aur fulgente,
O sabio que envelhece ao peso do estudo,
A terra, a terra-mãe, no seio abriga tudo !

O nascimento é egual em toda a humanidade,
Só o bem que se faz distingue quem o faz,
Tudo o mais é vaidade, e sendo uma vaidade
Tem de cahir por terra e já viveu assaz:
Não podemos deixar morrer nos os irmãos
A braços com a fome, sem lhes dar as mãos
Para os ir amparar nos pedregosos trilhos
Da vida atroz, e emfim, não lhes salvar os filhos
Que são a dôr d'um pae, na hora derradeira,
Quando a miseria vela á sua cabeceira
Que se a garra da morte empolga o desgraçado
Sua tortura extrema e seu maior cuidado
São essas creancinhas rotas, semi-nuas,
Que a descarnada mão estendem pelas ruas
E são os filhos seus. Ao desgraçado pae,
Para quem o viver fôra uma dôr cruel,
Mesmo na hora extrema a dôr levar lá vae,
A taça da amargura a trasbordar de fel.
Se elle soubesse—o pae—nas ancias da tortura
Que, após a sua morte, as pobres creancinhas
Tinham mão que as guiasse e cheia de brandura
Velasse com cuidado as tenras avesinhas,
Morreria contente e sem pezar da vida
Ia esconder na cova a fronte encanecida.

Vós que esmolaes ao pobre o pão de cada dia
E daes aos filhos seus o estudo e a alegria
Fazei o bem fazei... sentir-vos-heis bem pagos
Por um olhar leal cheio de amor e affagos,
Cheio do gratidão das pobres mães coitadas.

A's vezes pela noite as frigidas nortadas
Levam no turbilhão o tecto das choupanas
Onde o pão acabou e ha já muitas semanas
O fogo não calcina as pedras da lareira...
Outras vezes no mar, já morto de canceira
O pobre pescador em lucta com as vagas
(Despedaça-se o barco em cima d'umas fragas)
E elle morre de sede olhando aos pés o mar...
Outros então na mina, faltos de luz e ar,
Perdida a esperança já num Deus num salvador,
Lançam á terra negra uns olhos de terror,
Enterrados em vida alli a agonisar...
E elles tinham na terra á sua espera um lar
Onde vinham dormir algumas poucas horas,
Poucas porque o trabalho não quer ter demoras
E' preciso ganhar o pão com o suor!
Mortos elles agora é todo o longo horror
Da lucta com a fome. A mãe, os pobres filhos
Ou encontram descanço eterno 'num coval
Ou deixam-se arrastar na pratica do mal
Que lhes põe no olhar não sei que tristes brilhos...
O mundo é quem transforma em féros assassinos
Muitos dos que eram bons e ingenuamente puros
E' quem lhes põe ao peito corações ferinos
Quem os faz arrastar na lama dos monturos
Se o mundo é quem preverte o sentimento aos bons
Não tem de que os culpar não tem de que os punir
Quem não mitiga a fome a seus eguaes e irmãos
Faz das creanças d'hoje os lobos do porvir.

Protegendo na infancia os filhos da pobreza,
Tão cheios de bondade e cheios de canduras,
Vós arrancaes ao mal as pobres creaturas
E daes-lhes uma vida onde não ha tristeza...

Ha muitos annos já, nos montes da Judêa,
Jesus pregava ao povo a luz da nova idêa
Offerecia á miseria os reinos de outro mundo
Onde ha a eterna paz e o eterno amor profundo,
Onde, na adoração extatica de Deus,
Cahem perante nós os derradeiros véos
Que envolvem a verdade e o homem vê de rastros
Ante o seu Creador os mundos soes e astros
A um acceno girar no azul illimitado.

Hemos de dar tambem ao pobre o seu reinado,
Que elle não busque a morte para ter ventura;
Dar-lh'a hemos na terra socegada e pura
Num dia do porvir talvez não já distante
Em que hade haver a paz geral, a paz constante...
Uma patria somente e essa—a Humanidade,
Só uma aspiração—a busca da Verdade,
Uma norma a seguir—a norma de Justiça
E duas castas só—os bons e a Hypocrisia...
Mas antes de chegar o venturoso dia
Dae-lhes o pão do espirito, oh! dae-lhes o saber
E as creanças de agora um dia já crescidas
Olhando para vós que lhes salvaes as vidas
Dos abysmos do mundo hão de vos bemdizer...

Porto, 24 de maio de 99.

HOMO.

# Poétas mortos

*(Continuado do n.º 21)*

Passados alguns dias realisou-se segunda reunião em o nosso Club Dramatico ficando assente que se nomeasse uma commissão para angariar donativos afim de se levar a effeito o projectado espectaculo.

Realisou-se pois uma pequena eleição *ad hoc* sendo nomeados: Annibal Vasco Leão, presidente; Eduardo Coimbra e Luiz d'Avilez, secretarios; Luiz de Lima, Hylario, Alberto Sobral, Alberto Pinto da Costa, José Baptista Gonçalves Dias Junior, e muitos outros dos quaes não me recordo, vogaes.

Quando o Eduardo Coimbra conheceu o resultado da eleição... pedinte e ouviu lá o seu nome, levantou-se de salto e bradou:

—Podem obrigar-me vocês, corja de espoliadores, a ir fazer versos ás prêtas da Guiné; mas o que nunca poderão obrigar-me a ir pedir esmola para esse espectaculo... pago... gratuito e... repago! Isso nunca! Não acceito! Nunca!

Grande balburdia acolheu estas palavras e talvez houvesse um serio conflicto se o Luiz de Lima não viesse deitar agua na fervura dizendo:

—Amigos, não é com questões que nós levaremos a effeito o espectaculo! A opinião é livre! Cada um tem as suas ideias e é senhor d'ellas! Respeitemos a opinião de Eduardo Coimbra e tratemos de fazer prevalecer a nossa substituindo-o! Proponho, pois, para 1.º secretario da grande commissão, o nosso amigo Alberto Sobral e para thesoureiro o proprio Eduardo Coimbra.

—Apoiado! Apoiado! gritaram varias vozes.

—Para receber as massas, gritou o Coimbra, estou prompto, mas para pedil-as nunca!

Ficou pois constituida a grande commissão eliminando-se o sensivel Eduardo Coimbra de vogal... pedinte.

Logo no dia seguinte começou o peditorio pelas casas de familias nossas conhecidas; e, coisa notavel, embora todo o Porto soubesse que a festa era realisada por estudantes, o dinheiro affluiu para o nosso cofre d'uma maneira extraordinaria!

Ainda me recordo de que o commendador Ramalho sôgro do actual banqueiro portuense Joaquim Pinto da Fonseca, subscreveu com 50$000 réis!

E muitos outros com 30, 20, 10 e 5$000 réis. Nós andavamos loucos de enthusiasmo. N'esse tempo havia então na rua de Cedofeita, quasi defronte da rua do Breyner, uma tabacaria—A Tabacaria Nogueira—onde nós—os estudantes—e só estudantes—nos reunia-mos a horas certas: ás 11 da manhã e ás 2 e 7 da tarde.

Era ahi que se organisavam verdadeiros assaltos ás bolsas dos transeuntes conhecidos.

O Luiz de Lima n'esses assaltos era d'uma habilidade extraordinaria.

Quando nós estavamos muito socegadamente sentados na tabacaria fumando o magro cigarro estudantino, o Luiz gritava de repente:

—Olhem, ali vai Fulano, vou assaltal-o.

E corria como um doido no encalço do referido Fulano. E o mais engraçado é que era rara a vez que elle não conseguisse apanhar alguma librinha. Perguntando-se-lhe uma vez, o segredo da sua *labia* para arranjar tão facilmente o que os outros com tanta difficuldade conseguiam, respondeu:

—Olhem, para estas coisas não ha nada como ser descarado e vocês bem sabem que o sou;—(e era-o, mais do que o proprio diabo)—Ora muito bem; eu vejo passar um sujeito, se o conheço trato-o pelos seus nomes, titulos e qualidades; se pelo contrario nunca o vi mais gordo, dou-lhe, ou o tratamento de conselheiro se elle apresenta um ar respeitavel ou de doutor se elle tem um ar... um ar... de quem poderia vir a sel-o se o não fôr.

Immensa gargalhada acolheu estas palavras e todos lhe demos os parabens pela invenção.

Tinhamos já em caixa perto de quinhentos mil reis quando eu convoquei uma reunião afim de se escolherem as comedias que deveriam representar-se.

Em a noite marcada para a reunião, um domingo, compareceram todos os socios do Club Dramatico. Foi memoravel a sessão e acalorada a discussão na escolha das peças; nem era de esperar outra coisa d'aquella assembleia de rapazes irrequietos.

Houve propostas extraordinarias: d'uma me lembro eu que fez rir a rapaziada durante dias. Foi a proposta do Hylario, o grande Hylario um grande pandego dotado d'uma intelligencia superior e d'uma *verve* genuinamente franceza. Desnecessario será dizer que o Hylario estava a *chuchar* com a tropa quando propoz o seguinte:

—Meus senhores, declaro-lhes com toda a franqueza que estou farto de os ouvir propôr asneiras; e, por ellas, cheguei á conclusão de que vocês não pescam nada d'isto. Se querem guiar-se pela minha competencia indiscutivel n'estas coisas de theatros—e todo Vizeu que o diga—eu propônho, em vista dos talentos dramaticos aqui presentes, que levêmos á scena com todo o apparato, magnificencia e pompa a bella opera de Gounod—O Fausto—fazendo o papel de Margarida o Luiz de Lima; o de Fausto, o Vasco Leão e o de Mephistopheles, eu, eu que lhes estou fallando!

Não se faz uma pequena ideia das gargalhadas que acolheram esta tirada; e, como já disse, deu-nos assumpto para rir durante dias.

Finalmente ficou assente em levarmos á scena as comedias em um acto:

*Coração e estomago*, original de Antonio Augusto Leal, *Um furo vidas*, imitação de Maximiliano d'Azevedo e *Resonar sem dormir* —não me recordo do nome do auctor.

Foi escolhido para nosso ensaiador o Carlos d'Almeida, marido da actual actriz D. Maria Pia d'Almeida, cunhada do digno inspector dos incendios no Porto, sr. Guilherme Gomes Fernandes.

E assim terminou a sessão depois de haver-se combinado que o primeiro ensaio seria d'ahi a 3 dias na quinta-feira proxima.

Casa d'Arca. *(Continúa)*
8—2—901.

VASCO LEÃO.

# Parabens!

E' sem receio que os damos, não obstante um anno que fazemos ser mais um passo bem accelerado para um tumulo que nos espera. Mas estamos no pleno direito de não encarar anniversarios natalicios por este lado, porque o morrer, para quem faz annos, como os fizeram quinta-feira e sabbado duas candidas flores do formosissimo jardim vimaranense, é uma simples transição para a vida, é um verdadeiro natal. Que o berço, se bem o considerarmos, apezar de termos n'elle dormido o primeiro somno e bebido a primeira luz, é o principio da morte; mas o tumulo, para onde resvala a corruptivel materia, é que é verdadeiro principio da vida.

Realmente: o espirito aguilhoado pela duvida, o coração torturado pelas pûas da amargura; ter immediato occaso na desillusão o mais tenue raio d'uma florida esperança, ser a gente, emfim a cada momento, esbatida pelos temporaes do infortunio, não é de certo, isto a vida, se bem a considerarmos. Mas quer-se aprecie a nossa passagem por aqui como um viver propriamente dicto, quer se aprecie como um chrysol onde temos de nos purificar para conseguirmos uma vida melhor, o nosso destino immortal, não vimos apresentar ás ex.mas sr.as D. Branca e D. Carmo as expressões do nosso pezar por terem vindo a este miseravel mundo, nem lhes vimos dar os parabens pelo simples facto de se irem abeirando mais da campa, ponto intermediario entre a terra e o ceu. A que vimos, pois? Nem sequer o sabemos. Recordar a uma que foi no dia septe de fevereiro e a outra que foi no dia nove do referido mez que teve principio a sua peregrinação na terra, o mesmo seria que recordar-lhes o tremendo inicio da dôr.

Dizer-lhes que foi em taes dias que ellas, as duas irmãsinhas que tanto se adoram, condecoraram o anjo que lhes deu o ser com mais uma nobilissima honra da maternidade, e que saciaram as mais queridas e legitimas ambições daquelle que Deus lhes destinára pae, seria a expressão d'um sentimento nosso, que, por demais trivial, perderia a opportu-

nidade. Mas já que nos abalançamos a escrever estas rudes linhas, indignissimas das entidades a que visam, é força que digamos alguma cousa. A' falta de melhor expediente, apresentamos ás ex.mas meninas os nossos parabens por terem feito annos com tanta gracinha, com aquella gracinha inherente ás almas virginaes, aos corações de perolas! Mais lh'os apresentamos por os bons serviços prestados, durante mais um anno, a outras meninas innocentinhas e puras, atirando-lhes com ramilhetes das mais encantadoras e edificantes virtudes, estimulo efficacissimo que as ha-de prevenir sempre do immenso e tenebroso abysmo, onde teem cahido estilhaçadas tantas corôas refulgentes, brilhantinas. E ficam suas ex.as intimadas a fazer annos tambem lá para o fevereiro de 1902, mas ha-de ser com a mesma candura, com a mesma jovialiade innocente, com a mesma graciuha deste fevereiro e com os mesmos serviços prestados deste anno que lhes foi repoisar no berço do passado. Quando os annos são celebrados dest'arte, vale bem a penna ter-se nascido. E depois... morrer... não quer dizer nada.

Guimarães.

## Oh! As mulheres!...

Agora despediam-se.

A senhora deu-lhe o abraço com uma sollicitude terna, parecendo envolvel-o numa nuvem d'affeição cuidosa, e elle lá se affastou coxeando, um rangido secco de dobradiças na perna que dobrava a custo.

—Quem é este sujeito? perguntei mal o João se chegou levando á bocca o cigarro ainda apagado.

Elle fitou-me um pouco admirado.

—Quê... Não conheces?... E' o Ruy de Castro... o poeta... o auctor do *Livro d'um meridional* e do *Ceu azul*... dois livros bem conhecidos, bem originaes. E apontou accendendo o cigarro:

—E' um rapaz de valor, de muito talento mesmo... é elle quem faz as chronicas para *A Illustração Portugueza*.

Realmente eu, apezar de ler pouco os poetas novos, tinha lido o *Livro d'um meridional*, livro que me deixára uma bella, uma suave impressão e de que me recordavam alguns versos d'um lyrismo intenso, versos de sonho e de aventura, quasi todos cantando este lindo Portugal, terra de sonhadores e marinheiros, onde o sol é sempre quente e o ceu é sempre azul...

—Ah! sim? Eu li versos d'elle mas não o conhecia... tem uma bella apparencia, uma phisionomia muito expressiva... mas já reparaste que se parece immenso com o Daudet?

—Na cara e no coração. E' d'uma bondade extrema e leal como poucos. Alem d'isso é, como elle, um contemplativo e um amoroso.

—Pois admira; é manco e geralmente todos os aleijados são máos... E' coxo de nascensa?

—Não.

—Sim é claro, atalhei eu, parece ter uma perna postiça...

—Não é coxo de nascensa—e o meu amigo parou e virando-se para mim deitou-me os dedos á lapella do casaco—não... alli onde o vez é o heroe d'um drama d'amor que lhe levou uma perna e cujo desfecho foi o casamento com a senhora que o acompanhava.

—Sério?... gritei eu incredulo e já habituado ás blagues do meu amigo.

—E' verdade; estou a fallar-te o mais seriamente possivel... Se quizeres até te conto a historia:

—Vamos lá a isso—disse eu enfiando-lhe o braço—já te não largo mais... olha, vamos alli beber uma cerveja ao Camanho e tu contas lá esse drama, romance, tragedia, emfim, essa coisa espantosa onde se perde uma perna e se encontra uma mulher... e tem dinheiro, a mulher?

—Sim, tem... mas isso não vem ao caso.

Agora o sol, mais baixo já, deixava na sombra uma grande parte da praça, a do lado do poente, de pouco movimento sempre e onde dois sujeitos discutiam com grande exeburancia de gestos, os chapeus um pouco para traz.

—E o Seminario? lembrou repentinamente o João.

—Fica para outra vez; agora vamos ao Camanho e... á historia.

O meu amigo sorriu e caminhamos em direcção á Cervejaria. Os dois inglezes já tinham ido embora e agora era um sujeito enluvado, de lunetas, que n'uma mesa ao pé da porta, lia attentamente um jornal diante d'uma *grozeille* e syphão. Mais ninguem.

Nós fomos-nos sentar na meza do canto, ao pé do balcão, na nossa meza do cavaco.

Logo, pressurosos, os loiros bigodes do Pedro appareceram, espetando-se entre nós dois interrogativamente.

—Traz duas cervejas *Pilsener*.

Elle espanou mechanicamente a meza com o panno e desappareceu grunhindo um—*Sim, senhor* alegre, affectuoso quasi.

Porto. *(Continúa)*.

CASTRO LOPES.

## Cofre das graças

*Fazem annos as ex.mas sr.as:*

Hoje—10—D. Sophia Virginia da Costa Freitas.
Dia 12—D. Eulalia Amelia da Costa Freitas Chaves.
» »—D. Amelia Augusta de Lemos Motta.
» 13—D. Maria Amelia Lopes de Mattos Chaves.

*E os ex.mos srs.:*

Hoje—10—Abel Cardoso.
» »—Alcino Machado.
Dia 11—Antonio Rodrigues d'Almeida.
» 14—Dr. Manoel de Jesus Pimenta.
» »—Dr. João Nepomuceno Pimenta.

## Notas intimas

Já regressou de Lisboa a ex.ma snr.a D. Delfina Martins (Aldão).

*

Encontra-se bastunte doente a ex.ma snr.a D. Emilia Rosa Vieira de Faria, digna esposa do snr. João Baptista Leite de Faria, da casa da Burnaria. Estimamos as melhoras da illustre senhora.

*

Tem estado doente mas já se encontra melhor o snr. Alfredo Pereira, proprietario da Loja do Porto.

*

Tambem já se encontra melhor dos encommodos que ultimamente o detiveram no leito o snr. Antonio José da Silva Ferreira, activo solicitador n'esta cidade.

## Casos e Occurrencias

### JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde, o programma seguinte:

1.a Parte

Hymno Nacional.
Madre del Cordero—Jota.
Verbena de la Paloma—Breton.
Souvenir de Lisbonne—Mazurka—J. Barrin.

2.a Parte

Badinagem—Polka—Bachnlanni.
Fausto—Pot-pourri—Gounod.
Reverie—Quadrilha de Walsas—Waldteufel.
Um passeio a Coimbra—Ordinario.

## Sociedade Martins Sarmento

Continuação da subscripção promovida para o augmento do seu edificio:

| | |
|---|---|
| Transporte... | 1:395$000 |
| Joaquim de Vasconcellos—Porto. . . | 4$800 |
| D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos—Porto— . . . . . | 4$800 |
| Antonio da Costa Guimarães, F.o & C.a . | 30$000 |
| F. C. . . . . | 5$000 |
| Dr. Avelino Germano da Costa Freitas e D. Maria Josephina da Costa Freitas . | 30$000 |
| Antonio Henriques dos Santos. . . . | 5$000 |
| Manoel Joaquim da Cunha. . . . . | 15$000 |
| José Dias Alves Pimenta—Porto. . . | 5$000 |
| Manoel Pinheiro Guimarães & C.a . . | 20$000 |
| Francisco Ferreira de Souza Ribeiro—Castellões— . . . . . | 5$000 |
| José da Costa Carneiro. . . . . | 15$000 |
| Luiz Martins de Queiroz . . . . . | 5$000 |
| João Ferreira d'Abreu . . . . . | 10$000 |
| José Fernandes da Costa . . . . . | 5$000 |
| Francisco Joaquim da Costa Magalhães . | 20$000 |
| Somma. . . . | 1:574$600 |

(*Continúa*)

## Fallecimento

Na egreja da Misericordia realisaram-se os officios funebres por alma da extremosa mãe dos snrs. Fortunato Thomaz de Souza, regente do cartorio do snr. escrivão Mascarenhas, Antonio Joaquim de Souza, solicitador do fôro vimaranense, e sogra do snr. Rodrigo José Pacheco Barbosa.

Os nossos sentimentos.

## Theatro-Circo

Teem agradado muito os ultimos espectaculos que a companhia Cardinali tem dado no Theatro D. Affonso Henriques.

A concorrencia de espectadores tem sido verdadeiramente grandiosa, applaudindo com o maior enthusiasmo os trabalhos que se teem executado. E' esta uma das melhores recommendações para se passar uma boa noite.

## Noticias militares

Apresentou-se no dia 1 do corrente, da licença da junta que estava a gozar em Braga, o snr. alferes do regimento d'infanteria n.º 20 Manoel Antonio Lopes Sardinha.

—Tambem se apresentou no dia 4 do corrente, da demora que lhe havia sido concedida pela Secretaria da Guerra, o snr. major do mesmo regimento Herminio Eduardo Tito Barreto, que ha dias aguarda o leito e a quem desejamos rapidas melhoras.

—

Pela doença do snr. major Tito Barreto, passou a commandar o 1.º batalhão do mesmo regimento o snr. capitão Flores.

—

Pela ultima junta hospitalar d'inspecção reunida no hospital militar permanente do Porto, foi julgado incapaz de todo o serviço o snr. capitão Joaquim José Tristão.

—

Reune no dia 11 do corrente o conselho disciplinar do regimento d'infantéria n.º 20, afim de julgar um soldado do mesmo regimento, accusado d'um crime de furto, sendo composto dos snrs. tenente-coronel Campos, como presidente, capitães Flores e Guimarães, como vogaes, supplente o snr. capitão Martins, promotor o snr. tenente-ajudante Alcino, defensor o snr. alferes Villas e secretario o sargento-ajudante snr. Cunha Guimarães.

—=—

**Movimento do hospital da Santa Casa da Misericordia até 31 de janeiro**

Existiam no 1.º de janeiro 55 homens e 37 mulheres; entraram 68 homens e 69 mulheres; sahiram 57 homens e 52 mulheres; falleceram 7 homens e 4 mulheres; ficaram existindo 39 homens e 50 mulheres.

# CHRONICA DE COIMBRA

## Um passeio a Lavos

—«Vocês... parece que nem se deitaram!» diz o Oliveira. «Que horas são?»

—«São já duas horas da tarde! Até vos fica mal dormir tanto!»

—«Os *pintasilgos* já se estão a vestir?»

—«Os caloiros? Pois... decerto que sim.»

Ouvi então uma estrepitante gargalhada que partira lá de cima:

—«Não ouvem? Rebentou a republica no meu quarto.»

E subi rapidamente ao segundo andar. A curiosidade, porém, sahiu-me cara. Ao transpôr a porta do quarto, uma avalanche de travesseiros me prostrou no chão, e uma nova gargalhada resoou fortemente pela casa.

Era devéras catita e commovedora aquella gentil maneira de receber a minha pessoa.

—«Eu vos darei a correcção!» exclamei risonho,... mas um pouco zangado.

A partida serviu, depois, de galhota á mesa.

Sentados a esta, e comendo admiravelmente, reparamos que o almoço ia em meio e que o distincto visconde de Santa Clara não havia ainda apparecido.

—«Está a apertar os polainitos» dizia um.

—«Ou a pôr vaselina no microscopico bigode» accrescentava outro.

—«Mas...» responde muito bem o Carneiro entrando com toda a sua pose—«...não trago pistolas nos canos das botas, nem tenho propriedades em Martim!»

—«Bravo!» gritamos todos.

E uma salva de palmas acolheu a piada, cuja explicação muito bem poderão dar os amigos José d'Oliveira e Manuel Bernardino.

Déram nove horas no velho relogio da sala de jantar. Começaram os brindes, dos quaes vou apresentar alguns periodos mais notaveis.

Levantei-me, peguei do copo e signifiquei em poucas palavras quanto me tinha penhorado a extrema amabilidade dos meus dedicados companheiros tendo generosa e francamente acceitado o meu convite para aquelle passeio a Lavos.

Um ataque de tosse atravessou as guélas de todos, e não me deixaram continuar.

Despontou, então, rubicunda a fronte altiva do nosso *Conde de Trava*, Alberto Jorge.

«Senhores!. . . . . .

. . . . . *Tempus fugit!*»

—(Applausos)—«E como compete á minha pessoa fallar agora, direi em poucas palavras quanto... Hum!... quanto...»

—«Precisa d'um copo d'agua? ou de uma *pitada de Vinagrinho?*»

Grande risóta no auditorio.

Coimbra—31—1—1901.

*(Continuará)*

FERALDO FLAVIO.

# CONVITE

## MISSA DO 15.º DIA

Os abaixo assignados, tios e prima da fallecida Anna Maximina Caldas Mello, participam ás pessoas das suas relações e amisade, que por alma d'esta mandam celebrar uma missa no dia 15 do corrente, pelas 11 horas da manhã na egreja da Misericordia; porisso rogam a especial fineza da sua assistencia, o que desde já agradecem.

Guimarães, 10 de Fevereiro de 1901.

*Maria Arminda da Silva Caldas.*
*Pedro Pereira da Silva Guimarães.*
*Maria Maximina da Silva Caldas.*


# ANNUNCIOS

## ALFAIATE

João da Rocha, morador na rua de S. Torquato n.º 3, promptifica-se a ir trabalhar pelas casas, executando toda a obra de fato para homem.

# A. VASCO LEÃO

## Vinho verde puro engarrafado
DA
## QUINTA D'ARCA

A' venda na mercearia do ex.mo snr.

SILVESTRE GOMES TEIXEIRA

—Largo do Toural—

GUIMARÃES

ARNALDO PEREIRA

## LAGRIMAS D'ALMA

1 volume de poesias, preço 500 reis

Pedidos ao auctor
Guimarães

## VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS
DE
## Rubinson Crusoé

Este celebre romance de Daniel Defoe, d'uma leitura absolutamente inoffensiva e repleto ao mesmo tempo d'attractivos e aventuras maravilhosas passadas em muitas regiões ainda hoje pouco conhecidas, constitue um dos mais preciosos brindes que se podem offerecer a uma creança.

A obra completa formará um unico volume in-4.º grande e n'um formato elegante.

A Empreza offerece a todos os srs. assignantes um valioso brinde

Reproducção d'um dos melhores quadros existentes
NO
MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES

Cada fasciculo semanal de 16 paginas e uma bella gravura em separado ou duas gravuras intercaladas no texto e uma capa
50 réis

Cada série mensal brochada, com 80 paginas e 7 e 8 gravuras, sendo 2 ou 3 em separado e uma capa illustrada.
250 réis

Pedidos á Empreza do
ATLAS DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL
—LISBOA—

# TYPOGRAPHIA

DE

## ALBANO PIRES DE SOUZA

## ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122=Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mappas, memorandums, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.